

Recebido em abr. 2009
Aprovado em jun. 2009

**SOBRE A ONTOLOGIA DIGITAL DE RAFAEL CAPURRO
E A ONTOLOGIA FUNDAMENTAL DE MARTIN HEIDEGGER**

ANA THEREZA DE MIRANDA CORDEIRO DÜRMAIER *

RESUMO

Concebida no caminho aberto pela ontologia fundamental de Martin Heidegger, a ontologia digital de Rafael Capurro faz frente ao humanismo anti-tecnológico através de uma *desumanização da hermenêutica* no marco do estatuto ontológico híbrido do digital. O presente artigo visa fornecer elementos para a compreensão da proposta de uma hermenêutica digital.

PALAVRAS-CHAVE

Ontologia. Hermenêutica. Digital. *Transhumanismo*. Rafael Capurro.

ABSTRACT

Designed along the path opened by the fundamental ontology of Martin Heidegger, Rafael Capurro's digital ontology faces the anti- technological humanism through a *dehumanization of hermeneutics* in the framework of the hybrid ontological status of the digital. This article aims to provide elements for understanding the proposal of a digital hermeneutics.

KEYWORDS

Ontology. Hermeneutics. Digital. Transhumanism. Rafael Capurro.

* Professora de FILOSOFIA do DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA da UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB.

INTRODUÇÃO

A ontologia digital de Rafael Capurro parece ser hoje uma das mais estimulantes herdeiras dos impasses da ontologia fundamental tentada em *Ser e Tempo*: a ontologia digital de Rafael Capurro. A hereditariedade aqui em causa tem regras próprias: a linhagem sucessória da aporética ontológica é revel à epigonia dos discípulos, prosseguindo, ao invés, por esporádicos progonismos. Não por acaso, Heidegger concluía em 1928 suas atividades em Marburgo onde fora acolhido cinco anos antes alternativamente a uma fracassada nomeação como professor extraordinário em Göttingen: sua particularíssima recensão sobre Aristóteles, centrada na *facticidade da existência* ou *situação hermenêutica*, com a qual concorria ao posto, apesar de qualificada como “profunda e penetrante”, foi julgada destituída da “simplicidade” exigida “para a preservação imparcial da herança aristotélica”. Na avaliação, pesou contra Heidegger a pretensão de estar em verdade “assegurando sua própria posição filosófica”¹. Esse fato ecoa o que observa Sloterdijk a propósito do ensino extático do jovem Heidegger: “a escola encarna o interesse pelos estados normais; ela tem mesmo, e precisamente, uma orientação anti-filosófica quando pratica filosofia como disciplina”². E como explica o próprio Heidegger em seu

¹ Postface de l’editor allemand a *Interprétations phénoménologiques d’Aristote*. Tableau de la situation herméneutique. Mauvezan: Trans Europ Repress, 1992, p. 56.

² Sloterdijk, Peter. *La domestication de L’Être*. Pour un éclaircissement de la clairière. Trad. Olivier Mannoni. Paris: Mille et une Nuit, 2000.

último curso em Marburgo, a *destruição da metafísica* não consiste em jogar fora dois mil anos, mas transformar os problemas fundamentais combatendo os *guardiões ineptos da tradição*³.

No ano de 1929, o progonismo de Heidegger na *gigantomachia peri tes ousias* é recebido com enfática deferência em um artigo do proeminente Gilbert Ryle publicado no celeberrimo periódico *Mind*. Não obstante a admiração pela “incansável energia com a qual [Heidegger] tenta pensar para além do acervo das categorias da filosofia e psicologia ortodoxas”, Ryle preconiza a “bancarota e desastre” da conversão da fenomenologia em hermenêutica se àquela se estiver a atribuir o caráter de *prima philosophia*: para o filósofo britânico, assumindo essa direção, “ela acabará ou bem em um subjetivismo autocida ou em misticismo vazio”⁴.

Independentemente da forma como Ryle compreendeu *Ser e Tempo*, o fato é que não tardaria um ano para Heidegger definir nos termos de uma *reviravolta* o impasse a que seu projeto de uma ontologia fundamental havia chegado, deixando-o interrompido na forma em que foi publicado em 1927. Como podemos, então, ainda falar em ontologia, seja ela digital, no marco do legado hermenêutico de Heidegger, como a situa o próprio Capurro?

³ Heidegger, Martin. *The Metaphysical Foundations of Logic*. Trans. Michael Heim. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1984, p. 155.

⁴ Ryle, Gilbert. Heidegger’s *Sein und Zeit*. Reprinted from *Mind* 38 (1929) in: Murray, Michael (ed.) *Heidegger and Modern Philosophy. Critical Essays*. N. Y. & London: Yale University Press, 1978, p. 64.

Além disso, como disciplina, e especificamente no sentido de *representação de conhecimento*, a ontologia está hoje amplamente assimilada às ciências ligadas à computação, consistindo na base de pesquisas em web semântica, em engenharia de software, em arquitetura da informação, em inteligência artificial, em ciência da informação e em informática biomédica (*biomedical informatics*). E mesmo na filosofia desenvolvida à sombra de Quine pelos amigos da metafísica *adequacionista*⁵, a ontologia define-se por seus objetivos taxonômicos, ou seja, pelo propósito de determinar uma “classificação definitiva e exaustiva de todas as esferas do ser” por meio de estruturas formais “derivadas da álgebra, da teoria das categorias, da mereologia, da teoria dos conjuntos, da topologia”⁶. Aqui, metafísica e ontologia são indistintas e, por conseguinte, a *diferença ontológica*, ou seja, a maior contribuição filosófica da ontologia de Heidegger, não é tomada minimamente em consideração. Todavia, a relevância científica e a utilidade dos resultados da contemporânea ontologia formal não podem ser subestimadas⁷, de modo que a compreensão de Vattimo da hermenêutica como *koiné*, ou linguagem filosófica *universal*, endossada por Capurro⁸ em sua virada digital,

⁵ Smith, Barry. *Ontology*. Preprint version in: <http://ontology.buffalo.edu/smith/articles/ontology_pic.pdf>, p.14, de L. Floridi (ed.) *Blackwell Guide to the Philosophy of Computing and Information*, 2003, p. 155-166.

⁶ *Ibidem*, p. 1

⁷ Cf. <http://ontology.buffalo.edu/smith>

⁸ Capurro, Rafael. *La Hermeneutica Frente al Desafio de la Tecnica Digital* [2007]. In: <http://www.capurro.de/hermeneutica_porto.html>.

parece editar tácita e projetivamente uma espécie de *gigantomachia peri tou arithmou*.

Longe de poder examinar todas as implicações estruturais que a idéia de uma ontologia digital enreda, importa poder ao menos deixar preliminarmente claro que ela se insere fora dos limites da mera filologia e enfrenta por isso, bem como para sua progênie, desafios filosóficos substanciais.

ONTOLOGIA FUNDAMENTAL E ONTOLOGIA DIGITAL

Como o espírito não dispensa a letra, devemos recobrar em poucas linhas o sentido e escopo da ontologia de Heidegger. Primeiramente, a ontologia fundamental é fundamental no sentido de ser base de toda ontologia: a possibilidade intrínseca da questão do ser, ou seja, a temporalidade do *Dasein* sustém a ontologia em geral. Em segundo lugar, programaticamente a ontologia fundamental inclui a elaboração de quatro problemas: o da diferença ontológica, o da articulação fundamental do ser, o do caráter de verdade do ser e, finalmente, o da regionalidade do ser e a unidade da idéia de ser. Vale também retomar, em terceiro lugar, a definição de suas metas, a saber: oferecer uma interpretação do *Dasein* como temporalidade efetuando a virada imanente a qual projetaria a temporariedade do ser, ponto de interrupção de *Ser e Tempo*, bem como explicar os problemas ontológicos fundamentais supracitados.

Mas há uma terceira meta mencionada no Apêndice intitulado *Descrição da Idéia e Função de uma Ontologia Fundamental* do curso sobre Leibniz de 1928:

a ontologia fundamental visaria também “desenvolver a auto-compreensão da problemática ontológica procedendo a uma transformação (*Umschlag*), a uma *metabolé* metafísica”⁹. Assim, é associada à ontologia fundamental, metodologicamente definida pela fenomenologia hermenêutica, uma investigação especial, a do ente na totalidade (*Seiende im Ganzen*), nomeada *metontologia*. Juntas, ontologia fundamental e metontologia comporiam o conceito de metafísica¹⁰. Como explica Heidegger neste *Apêndice*, a possibilidade da compreensão ontológica pressupõe a existência fática e esta, por sua vez, afirma ele, pressupõe o “ser simplesmente dado fático da natureza”¹¹: na questão do ser, os entes são compreendidos como entes somente se uma “possível totalidade de entes esteja já aí”. Desta maneira, a *metontologia* se define como domínio da *metafísica da existência* e efetuará uma modificação interna da própria ontologia. No âmbito mais geral do projeto heideggeriano, metontologia e ontologia fundamental expressariam a transformação do problema da “concepção dualista da filosofia como *prote philosophia* e *theologia*”¹², transformação ela mesma, diz Heidegger, “concreção da realização da diferença ontológica”, sendo a filosofia “concreção central e total da essência metafísica da existência”¹³.

Esta aventada transformação interna e metafísica da ontologia sinaliza o impasse em relação ao sentido de

⁹ *Ibidem*, p. 154.

¹⁰ *Ibidem*, p. 157.

¹¹ *Ibidem*, p. 156.

¹² *Ibidem*, p. 158.

¹³ *Idem*.

fundamento e fundamentação do projeto de *Ser e Tempo*¹⁴. Tendo partido da posição segundo a qual a ontologia somente é possível como fenomenologia e da convicção de que ela pode apenas ser fundada ônticamente, Heidegger elabora uma analítica existencial de cunho transcendental baseada no *Faktum* da compreensão do ser, a distinguindo de toda antropologia e de uma ética: o *Dasein*, caracterizado por uma “neutralidade particular”¹⁵, é anterior à concreção factual, quer dizer, anterior a diferenças de gênero, de visões de mundo, de cultura. Ao propor transitoriamente a incorporação de uma anunciada investigação do ente na totalidade em seu projeto, Heidegger modifica o registro fenomenológico transcendental de sua hermenêutica original, a qual pertence à questão sobre o *sentido* do ser e, projetando a elaboração de uma *metafísica da existência* ou *ôntica metafísica*, retorna ao *homo humanus*. A “linguagem da metafísica”, então assumida com a metontologia, se converterá em tributária do fracasso de *Ser e Tempo*, fracasso que, não obstante, dispõe de um importante resultado: a hermenêutica da facticidade é preservada como válida sempre que *a questão do ser tiver que mobilizar nosso Dasein*¹⁶.

Boa parte da preservação da analítica existencial tem se manifestado na sustentação filosófica do caráter

¹⁴ Cf. Crowell, Steven Galt. Metaphysics, Metontology, and the End of *Being and Time*. In: *Philosophy and Phenomenological Research* vol. LX, n. 2, March 2000.

¹⁵ *opus cit.* p. 136-7.

¹⁶ Observação preliminar à 7ª edição de *Ser e Tempo* [1953]. In: Heidegger, Martin. *Ser e Tempo*. 1. v., 1. ed. Trad. Márcia Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.

não naturalizável e não objetivável do ser livre e do ser si mesmo do ser humano. Esta posição, que assume muitos matizes, é reforçada pela compreensão de Heidegger da técnica, moldada ou limitada, em última instância, à técnica *dura* da matéria, quer dizer, à técnica nuclear. Esta base de apoio é hoje, porém, muito diretamente desafiada pelas tecnologias convergentes, e aqui uso esta expressão na definição do Conselho de Investigação da Espanha, conforme a cita o neurocientista brasileiro Esper Cavalheiros em recente palestra em um fórum sobre a revolução genômica: “*tecnologias convergentes* se refere(m) ao estudo interdisciplinar das interações entre sistema vivo e sistema artificial para o desenho de novos dispositivos que permitam expandir ou melhorar as capacidades cognitivas e comunicativas, a saúde, a capacidade física das pessoas e produzir o maior bem social”¹⁷. Esta ampla convergência tecnológica do chamado “quarteto fantástico”, isto é, das tecnologias da informação e comunicação, da nanotecnologia, da biotecnologia e da ciência cognitiva repercute a confluência ontológica fundada na informação. Entende-se hoje informação como uma espécie de vetor conceitual ineludível que recompõe a base e a direção das relações entre as ciências e as humanidades, entre as artes e as engenharias, porquanto a compreensão do que somos e do vivente. “Biólogos não apenas moldam formas de vida em computadores, mas tratam o gene e organismos inteiros como sistemas de informação; a

¹⁷ Tecnologias Convergentes e a Construção do Novo Homem. Palestra de Esper Cavalheiros, *Pesquisa Fapesp Online*. In: <http://www.revistapesquisa.fapesp.br/pdf/revolucao_genomica/esper.pdf>.

filosofia, a inteligência artificial e as ciências cognitivas não apenas constroem modelos computacionais da mente, mas tomam a própria cognição como computação; físicos não apenas falam de informação carregada por uma partícula subatômica, mas propõem a unificação dos fundamentos da mecânica quântica com noções de informação”¹⁸. Assim, por um lado, a confluência ontológica da informação mina o alcance do pensamento pré-cibernético da artefactualidade em Heidegger, ancorado no entendimento de uma essência manipulativa onímoda e onipotente nomeada *Gestell*. Por outro lado, a confluência ontológica vem predispondo uma aposta entusiasmada em uma “nova renascença”¹⁹, uma nova síntese que tudo integra e reordena, de modo que a equivocação metafísica da totalidade e do absoluto refloresce no seio neo-tecnológico do século XXI.

Com a tese *esse est informari* ou *esse est computari* Rafael Capurro recoloca a questão do sentido do ser. Por ontologia digital compreende “uma interpretação possível do ser dos entes vistos desde sua digitabilidade [...] por parte do conhecimento humano finito”²⁰. Isto implica que, diferentemente de uma concepção acrítica em relação às condições de possibilidade finitas de acesso

¹⁸ Cantwell Smith, Brian. *The Wildfire Spread of Computational Ideas*, 2003. Citado em *Philosophy of Computing and Information Network*. Nätverk för kunskapsutveckling inom Data-och systemvetenskapernas filosofi.

¹⁹ Dodig-Crnkovic, Gordana. *Shifting the Paradigm of Philosophy of Science: Philosophy of Information and a New Renaissance*. In: *Minds and Machines*, v. 13, n. 4. (2003), pp. 521-536.

²⁰ Capurro, Rafael. *Interpreting the Digital Human* [2008]. In: <<http://www.capurro.de/wisconsin.html>>.

ao ente em seu ser, a ontologia digital inscreve a compreensão em limites fundamentalmente provisórios, o que permite a Capurro distinguir de saída a ontologia digital das pretensões totalizantes de uma metafísica digital. Parece-me que cabe, então, perguntar: são aqui ainda transcendentais os limites condicionantes da existência, tal como o legado de Kant e Heidegger os determina? De outra forma dita: ao se interpretar o *Faktum* da compreensão ontológica no horizonte da quantificação digital se mantém intacta a determinação originária da temporalidade da compreensão? O código digital subtrai a irredutibilidade do *fora-de-si* constitutivo do *Dasein* em relação ao natural e artefactual, ou melhor, em relação ao intramundano em geral?

Para responder a tais questões é preciso suspender provisoriamente a complexidade e os impasses da orientação transcendental da analítica existencial e voltar-se para a novidade do código digital do ponto de vista de sua possível fundamentação ontológica. Em verdade, em face dele, Capurro transforma a ontologia fundamental em uma *ontoaritmética*: “o processo de compreensão do ser dos entes”, afirma, “se concebe como um processo de in-formação digital”²¹. Aqui não está mais em questão, posto ser admitido, deslindar o privilégio que o ente que compreende o ser enquanto tal possui, mas as condições hermenêuticas de possibilidade da *hibridação digital* que conflui homens, viventes e artefatos. Não se pode manter a orientação fenomenológica heideggeriana nos referindo a uma tal hibridação como uma *modificação ontológica*

²¹ *Ibidem*.

que se articularia ou se comporia com as demais modificações, ou seja, com o ser simplesmente dado e com o ser-à-mão: hermenêutico aqui não será propriamente o ‚como‘ da compreensão, mas o ser do que se hibridiza digitalmente, i.e., mensagem, *angelía*. A ontologia digital seria aproximadamente algo como a investigação sobre as condições angeléticas de possibilidade do *arithmos*, investigação tomada a si mesma como apenas possível, finita e não absoluta.

Todavia, a confluência ontológica da informação, em razão do caráter convergente da hibridação digital, repõe a problemática do ente na totalidade, não certamente como ôntica metafísica, tampouco com a pretensão de formar um *totum syntheticum*, e menos ainda com o objetivo de resolver a dupla determinação da filosofia como *filosofia primeira e teologia: a metabolé* ontológica é, digamos, transcendentemente provocada pelo código digital e não imanentemente efetuada por uma associação metafísica com o ser simplesmente dado fático da natureza. É a rede digital, afirma Capurro, a “perspectiva a partir da qual experimentamos e formamos atualmente o que, segundo Heidegger, a metafísica chama *o ente na totalidade*”²². O cerne da ontologia digital é estabelecer hermeneuticamente ou angeleticamente a determinação não metafísica do ente na totalidade no horizonte da quantificação digital²³.

²² Capurro, Rafael. *Contribución a uma Ontologia Digital* [preview]. In: <<http://www.capurro.de>>.

²³ “A perspectiva digital do ente na totalidade (*holon*), ou seja, a tese segundo a qual somente admitimos o que é em seu ser enquanto o compreendemos no horizonte digital é o cerne desta ontologia”. *Passim*.

CONCLUSÃO: *TRANS*HUMANIZANDO A HERMENÊUTICA FILOSÓFICA

A questão do sentido do *arithmos* mobiliza hoje nosso *Dasein*. “Atualmente acreditamos ter compreendido algo em seu ser”, assevera Capurro, “quando o analisamos não somente com base em sua possibilidade de ser quantificado, como o concebeu a ciência moderna, mas também enquanto esta quantificação apóia-se no meio digital”²⁴. Significa dizer: nossa atual condição hermenêutica se define pelo fato de as coisas serem compreendidas na medida de sua digitalização. A comunicação não é, pois, exclusividade do *Dasein*: pelo código digital, genes e artefatos interagem comunicacionalmente. Assim, pergunta Capurro, corresponderia ao *logos* digitalmente hibridizado uma forma especial de compreensão?²⁵

O âmbito de elaboração desta questão é a hermenêutica digital, pela qual se busca desenvolver uma *lógica produtiva* para a compreensão dos fundamentos das tecnologias digitais, ou seja, comunicacionais e interativas, e sua relação com a existência humana. Isto requer não somente a revisão de conceitos tradicionais profundamente caros ao patrimônio mental e cultural da civilização ocidental, como também exige o questionamento do espírito anti-tecnológico hoje acrítico da hermenêutica filosófica. Tais exigências refletem o descentramento antropológico encarnado pelo código digital e, com isso, coadunam o colapso do humanismo. A técnica digital, como mostra Capurro,

²⁴ *Passim*.

²⁵ *Passim*.

implica uma “dessubjetivação dos processos de compreensão humanos e a aplicação de programas de interpretação e ação fora do âmbito semântico e pragmático humano”²⁶: prova disto é a realidade do *enhancement* humano, à medida que resulta de processos técnicos de interação e de hibridação em nível genético. O aperfeiçoamento da espécie *sapiens* é apenas uma entre as inúmeras possibilidades abertas pelas tecnologias convergentes, hoje apenas em sua aurora histórica.

No cenário do século que se inicia, impõe-se uma *transhumanização* da hermenêutica através de um *humanismo cibernético*, expressão que aqui tomo de empréstimo da resposta midiática de Sloterdijk²⁷ à famosa *Carta sobre o Humanismo* de Heidegger. Este novo humanismo está sendo posto hermeneuticamente em marcha por Rafael Capurro. Os impasses da ontologia de Heidegger parecem poder estar, então, heterodoxamente legados como requer a mobilização pela questão do ser.

²⁶ *Passim*.

²⁷ Sloterdijk, Peter. *Nicht gerettet. Versuche nach Heidegger*. Frankfurt/M: Suhrkamp, 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPURRO, Rafael. [2008] *Interpreting the Digital Human*. In: <<http://www.capurro.de/wisconsin.html>>.

_____. [2007] *La Hermeneutica Frente al Desafio de la Tecnica Digital*. In: <http://www.capurro.de/hermeneutica_porto.html>.

CROWELL, Steven Galt. Metaphysics, Metontology, and the End of *Being and Time*. In: *Philosophy and Phenomenological Research*, v. LX, n. 2, March 2000.

DODIG-CRNKOVIC, Gordana. Shifting the Paradigm of Philosophy of Science: Philosophy of Information and a New Renaissance. In: *Minds and Machines*, v. 13, n. 4. (2003), pp. 521-536.

HEIDEGGER, Martin. *The Metaphysical Foundations of Logic*. Trans. Michael Heim. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1984

_____. *Ser e Tempo*. 1. v., 1. ed. Trad. Márcia Cavalcanti. Petrópolis: Vozes, 1988.

SLOTERDIJK, Peter. *Nicht gerettet. Versuche nach Heidegger*. Frankfurt/M: Suhrkamp, 2001.

SMITH, Barry. *Ontology*. Preprint version in: <http://ontology.buffalo.edu/smith/articles/ontology_pic.pdf>, p.14, de L. Floridi (ed.) *Blackwell Guide to the Philosophy of Computing and Information*, 2003, p. 155-166.